XII ENABET
SALVADOR 2025
ETNOMUSICOLOGIA
SABERES, CRIATIVIDADE E AÇOES AFIRMATIVAS
10 A 14 DE NOVEMBRO DE 2025

# CORPOS E VOZES QUE SÃO CORAÇÕES SONOROS SENSUAIS

Marina Morena e Laila Rosa
Escola de Música da UFBA
marinamorenamusica@gmail.com
lailarosamusica@gmail.com
Mulheres na Música

**Resumo:** Este artigo introduz uma discussão em desenvolvimento acerca da compreensão sobre o erótico e como esta se apresenta na relação com música, gênero, corpo e meio ambiente. A escrita associa experiências da autora, pesquisas de campo e referenciais teóricos sobre escrita orgânica (Glória Anzaldúa), escrevivência (Conceição Evaristo), erótico (Audre Lorde e Georges Bataille), corpo território (Lorena Cabnal, Cristiane Coradin e Simone Oliveira) e reflexões sobre o erótico na música (Maria Ignez Cruz de Mello). A presente reflexão aponta caminhos para a continuidade da pesquisa com a intenção de associar os conceitos aqui levantados com as práticas sonoras e corporais de mulheres situadas no Vale do Capão, Chapada Diamantina - BA.
**Palavras-chave:** Corpo; voz; erótico; mulheres; Vale do Capão.

# BODIES AND VOICES THAT ARE SENSUAL HEARTS OF SOUND

**Abstract:** This article introduces an ongoing discussion on the understanding of the erotic and how it appears in relation to music, gender, the body, and the environment. The writing brings together the author's personal experiences, field research, and theoretical references on organic writing (Glória Anzaldúa), writing from experiences (Conceição Evaristo), the erotic (Audre Lorde and Georges Bataille), body-territory (Lorena Cabnal, Cristiane Coradin and Simone Oliveira), and reflections on the erotic in music (Maria Ignez Cruz de Mello). This reflection points to possible paths for the continuation of the research, with the aim of relating the concepts discussed here to the sound and body practices of women located in Vale do Capão, Chapada Diamantina, Bahia, Brazil.
**Keywords**: Body; voice; erotic; women; Vale do Capão.

## PRIMEIRA PARTE - escrita orgânica, escrevivências e corpo território

Ler Gloria Anzaldúa é uma libertação estética e intelectual. Caminhar entre as palavras revolucionárias de sua escrita liberta os dedos que conspiram com a inspiração de escrever aquilo que pulsa, que discorre com verdade. No meio acadêmico - e fora dele - somos sistematicamente conduzidas, para usar um termo menos violento, a uma escrita pré moldada, com determinados modelos de citações e retóricas.

Se, por um lado, essas normas facilitam a compreensão por uniformizar (de certa forma) a escrita acadêmica e a construção do pensamento, por outro, perdemos no sentido da criatividade e da expressividade singular de cada autora. Escrever me faz sentir a vida, circuitos de energia e construção de possibilidades que se materializam no papel, na tela, nas canções.

Por isso, situo você que me lê nessa narrativa performática que corrobora com as declarações de Anzaldúa em amplos sentidos:

> O que nos valida enquanto seres humanos, nos valida enquanto escritoras. O que nos importa são as relações que nos são caras, tanto com a gente mesma quanto com outras. Nós precisamos usar o que é importante pra nós pra chegar à escrita. *Nenhum assunto é banal*. (ANZALDÚA, 2021, p. 45)

A escrita nos empodera, revelando partes de si, para quem escreve funciona como ferramenta de transformação e reconstrução. Nesse não lugar entre o material e o imaterial a vida se revela e se reinventa desde as entranhas. Não é no papel que você cria, mas em suas entranhas, em suas vísceras e da sua matéria viva - a isso eu chamo de *escrita orgânica*. (Anzaldúa, 2021, p. 59).

A escrita orgânica proposta por Glória Anzaldúa e a escrevivência sistematizada por Conceição Evaristo fornecem as primeiras bases para a reflexão que aqui se inicia. A escrevivência reconhece nossos corpos e histórias de vida como guardiãs de conhecimentos e experiências preenchidas de significados sociais e pessoais. Componho o grupo das que dão continuidade à escrita atenta que se entende como instrumento de autoconhecimento, denúncia, transmutação, interrogação, compreensão do mundo, um ato de ruptura e libertação:

> E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência.
>
> [...]
>
> Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. (EVARISTO, 2020, p. 34 e 35).

Escrever é aqui invocado como um ato estético, erótico e político de profunda conexão com o corpo, pessoas e meio em que estamos inseridas. Nesta dialógica atividade silenciosa me entendo e recrio como ser ativo na minha própria história e nas histórias de que sou parte. Escrever, assim como cantar, sentir e viver a música tem se apresentado cada vez mais como um ato íntimo cheio de poder, mistérios e conhecimentos que se revelam nos espaços entre esta palavra e a que se escreve.

Nos sonhos que se movem pelo corpo é possível encontrar prazer no gesto do pensamento descoberto sobre e entre as teclas, na entonação de uma nota inimaginada, na criação da reflexão que se desenvolve livre. É na consciência e autonomia do corpo onde tudo começa. O corpo que também é território, que transforma dor em resistência e confiança na vida, corpo que experimenta sons, sintetiza percepções, lugar de disputa e portal de experimentação, ação criativa sobre o mundo externo e interno.

Reivindicar nossa autonomia sobre o corpo território é também nos compreender capazes de fazer escolhas, curar traumas e cercamentos, reencontrar amor e apreço próprio onde existiu violação e invasão física e psicológica. Esse conceito que surge a partir de mobilizações sociais de mulheres indígenas é um importante marco na discussão à qual este artigo se propõe.

Corpo território é um conceito que dialoga diretamente com o conceito de mulher natureza que venho desenvolvendo na minha dissertação de mestrado. No artigo **Contribuições do conceito de corpo território e dos feminismos comunitários para pensarmos na construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis**, Cristiane Coradin e Simone Oliveira elucidam e contextualizam o conceito nas construções políticas e identitárias dos feminismos comunitários de Abya Yala:

> [..] múltiplas mulheres constroem seus corpos em relação de ecodependência com as naturezas não humanas na Terra. Com a Natureza, elas constituem modos e meios de vida, que se relacionam com a construção contextualizada da determinação social da saúde. Essas relações são permeadas pela colonialidade de gênero e da Natureza, que coloniza seus corpos e territórios, como ser, saber e poder. Observamos como a colonialidade opera com base na violência, expropriação e exploração, e como afeta a saúde das mulheres e de seus territórios de vida. (CORANDIN e OLIVEIRA, 2024, p. 2).

Nesse sentido, o corpo território feminino assume deliberadamente seu caráter ecológico e social para além do individual e pessoal. A compreensão do corpo humano como extensão do corpo da Terra configura ambos como intrinsecamente relacionados e historicamente agredidos por uma sociedade sexista, colonial, heteronormativa, androcêntrica, patriarcal, entre outros termos que evidenciam o caráter anulatório de uma construção política e social que legitima “relações de dominação das mulheres e da natureza.” (CORANDIN e OLIVEIRA, 2024, p.3).

A dominação dos corpos território das mulheres e do território corpo da Terra se justifica e se mantém por um conjunto de ideais e práticas sociais que há séculos associa aspectos femininos da vida como intuição, natureza, corpo, emoção e vulnerabilidade como passíveis de submissão e inferiores a aspectos interpretados como masculinos como razão, lógica, força e proteção.

A expropriação histórica do feminino que perpassa corpos e territórios justificada pela supremacia masculina retira - reiteradamente - das mulheres o poder e saber sobre seus próprios corpos, desejos, necessidades e decisões, coage nos à expressão não autêntica e invisibilização. Esta configuração corrompe e proíbe a grande maioria das mulheres o usufruto livre e poético do erótico como categoria humana, desde suas relações mais íntimas consigo mesmas, passando por suas relações pessoais, sociais e artísticas.

## SEGUNDA PARTE - a compreensão do erótico

Uma revisão de literatura mais profunda acerca do erótico como categoria humana está em andamento ao longo dessa primeira sistematização de

conhecimentos e vivências sensíveis. Para este artigo, me concentrarei sobre as dimensões trazidas pelas escritoras Audre Lorde em seu artigo *Os usos do erótico: o erótico como poder* e Fabiana Vieira da Costa em seu artigo *Erotismo e Libertação*. Iniciarei também um diálogo com os textos *A Filosofia de Georges Bataille: O Erotismo como Objeto de Estudo* de autoria de Avaetê Guerra, Elce Nogueira e Michel da Costa e *Livros Proibidos: O erotismo de Georges Bataille* do autor Carlos João Correia que introduzem o pensamento do escritor francês Georges Bataille sobre o tema.

O erótico na sociedade que vivemos soa como proibido, vivenciado como tabu para a grande maioria das pessoas que não se permitem e não são permitidas sequer dialogar sobre o tema. Nada de muito surpreendente numa construção social que nega a vida em tantos níveis, priorizando o acúmulo de riquezas materiais e naturalizando a supremacia de uns sobre outras/outros/outres.

Portais de continuidade e transformação da vida, a experiência sexual onde somos concebidas (a vivência erótica mais palpável para a grande maioria) e a passagem nomeada morte são temas sobre os quais somos silenciadas e podadas constantemente. O que se entende por erótico finalmente? Não seria esta uma dimensão natural do ser? Começo a compreender erótica a busca da conexão com a experiência de existência humana sensível que relaciona prazer, afeto, corpo, desejo, construção de identidade e profundas relações consigo, com outros e com o mundo. Podemos entender erótico como força vital, abundante e propulsora da vida como aponta o pensamento de Georges Bataille no esboço de ensaio do professor Carlos Correia:

> O erotismo, para Bataille, tem a ver com a exuberância da vida, com a superabundância das manifestações vitais, com o que ele designa como a "pletora" da vida. Bataille é, aliás, um dos primeiros autores a assinalar a multiplicação quase infinita das manifestações vitais no seio da Natureza, a um ponto tal que esta revela uma estranha prodigalidade de formas, nada coerente com os princípios conhecidos de conservação de energia. Pelo contrário, a vida parece apostada num aparente desperdício de energia, quase habitada por um princípio frenético de expressão, por um delírio febril de se manifestar. E, no entanto, por mais paradoxal que nos pareça, há para Bataille um laço, tantas vezes, escondido entre o erotismo e a morte. (CORREIA, p. 3).

Não coincidentemente, a maioria das qualidades associadas ao erótico são normalmente vistas como femininas, logo ainda mais passíveis de repressão e condenação. Numa sociedade tão anti vida como a nossa onde o lucro vale mais que muitos seres vivos, não é surpreendente que o conhecimento e a experiência do erótico seja empurrada para fora de qualquer contexto e carategorizada como maculadora de valores que preservam a família e a ordem.

O erótico tem sido associado à promiscuidade em vez de liberdade, à confusão e perda em vez de reencontro e sabedoria. No entanto, Bataille “defende que é justamente por meio da experiência erótica, entendida em seu sentido mais amplo, que encontramos uma forma de equilíbrio e integração entre a razão e a experiência de vida.” (Guerra, Nogueira e Costa, 2023, p. 3).

Erótica pode ser a sensação prazerosa do Sol sobre a pele, da comida quando se tem fome, das mãos nas teclas de um piano envolvidas num movimento musical que une graciosamente corpo e sentidos assim como a escuta de quem ouve ou testemunha esse fluir com presença. Viver permitindo se o fruir erótico é resistir e libertar o que temos de instintivo, selvageria que - tanto quanto a inteligêngia e a lógica - são essenciais à manutenção de uma vida harmoniosa e saudável.

Ao discutir o pensamento de Herbert Marcuse sobre Logos e Eros a autora Fabiana da Costa engrandece nossa reflexão ao demonstrar como o autor construiu seu pensamento compreendendo ambos como necessários ao entendimento e análise da vida na medida que ambos constituem a realidade e os sentidos contribuem para a subversão e libertação do ser:

> Aquilo que primeiro existe é o pulsar, noutras palavras, as pulsões são aquilo que movem o humano e, a expansão e a retração desse pulsar emergem do movimento de Eros e Thanatos. A pulsão erótica, de expansão, é aquela que não se submete às estruturas que lhes são externas, assim sua organização mostra-se solitária e comunitária opondo-se à (auto)destrutiva, repressiva e competitiva. (COSTA, 2022, p. 82).

A expressão e vivência de relações eróticas - frutos dos sentidos - é visto aqui como uma forma de transformar a realidade dominante uma vez que as experiências eróticas são “pulsões de vida” que conduzem a uma necessidade de satisfação humana que engloba por exemplo solidariedade, calma e privacidade.

A escritora americana Audre Lorde também contribui enormemente com o conceito de erótico ao realizar a reflexão a partir de um olhar feminista sensível. A autora nos recorda com veemência como o erótico é uma importante fonte de poder e informação principalmente para as mulheres que instintivamente acessam essa sabedoria profunda e irracional: “O erótico é uma dimensão entre as origens da nossa autoconsciência e o caos dos nossos sentimentos mais intensos.” (LORDE, 2019, p. 67).

Segundo Lorde, o poder trazido pela experiência do erótico é capaz de revigorar e oferecer um grau de satisfação e plenitude que apresenta à pessoa novos parâmetros de vida: “ [..] o erótico não diz respeito apenas ao que fazemos; ele diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer.” (LORDE, 2019, p. 68). O erótico é entendido como a dimensão do ser que percebe as necessidades humanas considerando também seus aspectos psíquicos e emocionais. Trata se da dimensão amorosa, apaixonada, prazerosa e feminina totalmente relacionada com nossa vitalidade:

> A própria palavra “erótico” vem do grego eros, a personificação do amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificando o poder criativo e a harmonia. Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres, daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas.(LORDE, 2019, p. 69)

Experienciar a vida e a música a partir do erótico é sentir o som, os movimentos a partir da mais ampla percepção possível, envolvendo prazerosamente sentidos e sentimentos numa “experiência eroticamente satisfatória.” (LORDE, 2019, p. 70). Desta forma, atividades simples podem se apresentar sob uma nova perspectiva e possibilitar inéditas sensações e compreensões que abrem caminho para desejarmos viver mais a partir desse estado de espírito que honra e respeita nossa profunda existência orgástica.

Outro aspecto trazido pela autora que contribui muito para o desenvolvimento desta reflexão é relacionar o erótico com o que compreendemos como instinto ou inspiração quando reflete sobre a expressão “me faz sentir bem”. Segundo a autora

essa afirmação nasce de um conhecimento que brota do profundo, erótico e genuíno. Seria essa sabedoria instintiva que conduz à compreensão, reflexão e organização; " o erótico é o nutriente e o embalar de toda nossa sabedoria mais profunda." (LORDE, 2009).

Viver em contato com o poder erótico se traduz como um ato revolucionário porque nos conecta como nossa profunda força de vida que não aceita, desde o profundo interior, atos de opressão e violência. Essa sabedoria ativa uma postura corajosa de ação no mundo, colaborando com o sentido de responsabilidade perante si mesma e com todas as relações que se estabelece.

**TERCEIRA PARTE - erótico na música e a continuidade**

Até o momento não temos muita literatura relacionando erótico e música. Motivo pelo qual me senti ainda mais estimulada a explorar o tema. O principal texto sobre o qual discutiremos nesta seção é *Relações de gênero e musicologia: reflexões para uma análise do contexto brasileiro* de autoria de Maria Ignez Cruz Mello.

A autora inicia discorrendo sobre a falta de registros relevantes sobre a mulher na composição musical. Historicamente, o universo musical é prioritariamente masculino. A construção de pensamento e agências feministas têm colaborado para o apontamento de possíveis caminhos de transformação e criação de espaços que honrem a contribuição das mulheres em diferentes áreas do saber e epistemologias.

Na música, diversos pressupostos teóricos apresentam metáforas sexuais que valorizam o masculino e esvaziam o feminino delegando a este a nomenclatura de aspectos musicais fracos e não protagonistas:

> Por exemplo, neste modelo androcêntrico, os tempos fortes de um determinado trecho musical são considerados "masculinos, enquanto que os fracos, "femininos"; sobre as tríades maiores, é dito que elas exercem atração, em oposição às menores, ligadas à repulsão; também percebe-se "ímpetos procriativos" ocorrendo por meio das qualidades dinâmicas da música tonal; ou ainda a ideia prevalente, desde o século XVII, do processo desencadeado pela expectativa (clímax) e resolução da expectativa, também chamado de tensão vs. relaxamento, presente no cerne da música ocidental, o que parece uma forte metáfora da atividade sexual. A forma *sonata-allegro* é estruturalmente um exemplo deste modelo: o tema de abertura deve ter um

> "caráter masculino", enérgico, determinado, heróico, enquanto que o tema subsidiário é "feminino", flexível, considerado "o outro". (MELLO, 2007).

A autora descreve ainda diversas outras ocasiões em que a posição da mulher na música é negada, assim como a análise musical a partir de suas características femininas como emoção e sensualidade. Essa invisibilização é justificada pela busca por um reconhecimento científico, racional e objetivo da música.

Ao assim proceder, os musicólogos - pensadores da ciência da música - negam os aspectos musicais associados ao feminino como sentimentos, imaginação e erotismo. A dominação do desejo e do prazer eram necessárias para que a música fosse aceita como ciência. Segundo a autora, esta organização excludente impôs uma hierarquia onde a ciência da música em sua forma pura teria mais credibilidade que a performance e a educação musical.

Esta ótica desconsidera construções sociais e políticas como partes constituintes da obra musical. A análise desta forma orientada, categoriza a música como "obra estética em si", única cientificamente validada, como se esta não fosse elaborada e conceitualizada por pessoas que se identificam em determinadas categorias de gênero, classe social e raça, via de regra homem branco, heterossexual de classe média.

O controle social e político se inicia desde a expropriação do corpo território, contamina a concepção de poder, erotismo e autenticidade e também se manifesta na expressão musical de uma sociedade que imobiliza a audiência numa sala de concerto, cala musicistas e exclui os aspectos femininos da música.

A sensualidade e o erotismo da linguagem musical são percebidas e qualificadas desde de antiguidade como inapropriadas. A sutilização dos sentidos e o prazer estético profundo suscitado pela música é desde então interpretado como perigoso e suscetível de perturbar a ordem do *status quo* como contextualiza Cusick:

> A música tem sido associada com experiência erótica desde pelo menos a época de Platão. Tanto em sua República quanto em suas Leis, Platão argumenta que o estado devia controlar a música, pois certos modos poderiam estimular um perturbador desejo físico e uma inclinação (somente) à auto-satisfação em delícias sensuais. Ao ameaçar a capacidade para a razão e assim "suavizar" a alma a ponto de enfraquecer o desejo de lutar, quando necessário,

> tais modos gravavam na alma de executantes e ouvintes padrões afetivos que pareciam perigosos para membros da classe política. (CUSICK, 2009, p. 5)

No mesmo artigo intitulado *Gênero e música Barroca*, Cusick expõe que no período Barroco italiano, a música assumiu a função de meio para troca de energia erótica e prazer. Gostaria de me aprofundar em como estas manifestações ocorriam mas a brevidade deste artigo convida à continuidade da reflexão também nas próximas produções.

De maneira sucinta, embora a energia erótica tenha tido espaço nesse ambiente, não nos surpreende a informação de que utilizando seus dons artísticos, virtuoses musicais naturalmente sensuais, as cantoras quando cantavam para uma corte estavam sempre executando músicas compostas por homens que lideravam os eventos e grupos.

A inegável capacidade da música de despertar nossa vitalidade, estimular o corpo à dança e os sentidos ao desejo verdadeiro e profundo é nítida. Este sereno construir de pensamentos compõe a experimentação de trazer do profundo sensível a intuição do sentir como fonte de criatividade e sabedoria legítima.

A continuidade dessa pesquisa e descobertas elabora sua tessitura buscando entender e elucidar como práticas sonoras e corporais de mulheres - situadas num pequeno vilarejo cosmopolita da Chapada Diamantina na Bahia e que atualmente entendem seus corpos e vozes como poderosos instrumentos de manutenção da vida - permitem e propõem uma relação erótica com a música, sons, corpos, ambientes, experiência esta que transborda para as relações tecidas interiormente, com outres e com o externo.

A intenção é continuar a reflexão a fim de encontrar as interseções entre os temas aqui levantados e as práticas musicais e corporais destas mulheres que sentem e cultivam a consciência da relação profunda com seus corpos e vozes como importantes instrumentos de saúde, cura, transformação e empoderamento.

Tais práticas funcionam como caminhos de acesso e ativações de memórias onde o prazer pela vida, pela vivência comunitária e pela exploração de capacidades do ser se manifestam. Este trabalho é escrita sonora e verso erótico que amplia tais

maneiras e formas de viver, dançar a vida na confiança de que estes caminhos abrem brechas que se tornam estradas claras de libertação.

> El sexismo y el racismo se entroncan, para usar una palabra propia del feminismo comunitario, y funcionan, actúan, se asumen en un lugar reconocible, histórico, que en ocasiones es amado y, en otras, detestado: el cuerpo mismo de las mujeres indígenas.
>
> [...]
>
> Según Emma Chirix, para sanarse de la violencia las mujeres indígenas deben permitirse conocer sus cuerpos, acariciarlos y estimarlos, aprendiendo a verlos como propios y no como objetos racializados por el poder dominante. Este es un paso indispensable para liberarse como personas y en la colectividad, para reeducarse entre mujeres a una afectividad sana y no violenta. (GARGALLO, 2014, p. 244 e 245)

> En el planteamiento de recuperación y defensa histórica de mi territorio cuerpo tierra, asumo la re cuperación de mi cuerpo expropiado, para generarle vida, alegría vitalidad, placeres y construcción de saberes li beradores para la toma de decisiones y condiciones de violencia sexual, econó mica, psicológica, simbólica, y violencia cultural. (CABNAL, 2010, p. 22).

Acariciar nossos corpos, retomar nosso poder, autonomia, direito à saúde física, mental e emocional, dançar e cantar para nós mesmas e paras as outras, para os homens, para a Terra é a rosa entoada nas vozes que pulsam por um sistema mais justo de respeito, honra e gratidão à vida exuberante, extasiante, erótica e abundante.

A seguir registro de círculo de prática Corpo Voz Coração conduzido pela autora no Vale do Capão BA na primavera de 2024:



Crédito da foto: Tadiwane

**REFERÊNCIAS**

AGAWU, Kofi. *O tonalismo como força colonizadora na África*. Tradução de Rogério Budasz. In: Revista Per Musi, UFMG, n. 32, 2015.

ANZALDÚA, Glória. *A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaios.* Pg. 55. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

CABNAL, Lorena. Feminismos diversos: el feminismo comunitario. ACSUR: Las segovias, 2010. Disponível em: https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitariolorena-cabnal.pdf . Acessado em 21/07/2025.

CORANDIN, Cristiane e OLIVEIRA, Simone. *Contribuições do conceito de corpo território e dos feminismos comunitários para pensarmos na construção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis.* Revista Saúde Debate, Rio de Janeiro, V. 48, N. Especial 1, e 8731, Ago 2024. Disponível em https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2024.v48nspe1/e8731/pt. Acessado em 19/07/2025.

CORREIA, Carlos João. Esboço de Ensaio *Livros Proibidos: O erotismo de Georges Bataille.* Disponível em: https://www.academia.edu/36075598/O_Erotismo_de_Georges_Bataille. Acessado em 20/07/2025.

COSTA, Fabiana Vieira da. *Erotismo e Libertação.* Das Questões, Vol.14, n.1, p.80 – 89, fevereiro de 2022. Disponível em https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/40184/32781. Acessado em 20/07/2025.

CUSICK, S. *Gênero e música barroca*. Per Musi, Belo Horizonte, n.20, p.7-15, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pm/a/KZxcBLzd8pN38cgSMQCQr3h/?format=pdf. Data de acesso: 20/07/2025.

EVARISTO, Conceição. *A Escrevivência e seus subtextos*. Pg. 34 e 35. Disponível em: https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf. Acessado em 17/07/2025.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

GARGALLO, Francesca. Feminismos desde Abya Yala : Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América. Cidade do México: Editorial Corte y Confección, 2014.

GUERRA, Avaetê; NOGUEIRA, Elce e COSTA, Michel da. A filosofia de Georges Bataille: O erotismo como objeto de estudo. Boletim de Conjuntura, Ano V, Volume 16, n 46, Boa Vista, 2023. Disponível em: https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/2453/903 Acessado em 21/07/2025.

LORDE, Audre. *Os usos do erótico: o erótico como poder.* Original: Use of the Erotic: The Erotic as Power, in: LORDE, Audre. Sister outsider: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. P. 53 - 59. Tradução feita por Tatiana Nascimento dos Santos. Dezembro de 2009. Disponível em: https://peita.me/blogs/news/os. Data de acesso 19/07/2025.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras (Santa Maria)*, Santa Maria, v. 25, p. 55-71. Portal de Periódicos UFSM. 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308. Acesso em: 17/07/2025